



CORPOREIDADES DISSIDENTES

Subjetividades,
Arte e Tecnologia



A criação artística na contemporaneidade já não diz mais respeito somente à era da reprodutibilidade técnica da reflexão de Walter Benjamin (1994), mas à era digital, ao momento histórico permeado pela revolução da informática e de sua confluência com os meios de comunicação. A partir da subversão dos aparelhos e suas possibilidades, à medida que as inovações tecnológicas foram se tornando economicamente mais acessíveis, a exemplo do computador, principalmente a partir das décadas 1980/90 no Brasil, as possibilidades de experimentações artísticas com os recursos computacionais se ampliaram.

Com a introdução de tecnologias de reprodução da imagem nas artes, os artistas passam a utilizar com mais frequência o “real”, do corpo ao vivo e da “representação” desse “real” no corpo mediado; muitos artistas se colocaram diante da câmera em ações que podem ser entendidas como performáticas. Na atualidade, as produções artísticas têm explorado as diversas possibilidades no criar, e as tecnologias contemporâneas tornaram-se também um potente instrumento para explorar as corporeidades e suas dissidências.

Grupos historicamente marginalizados, vêm produzindo resistências e reexistências, tais corpos/corpas figuram em criações que falam a partir das margens, como compreendido por bell hooks (1989), para quem, estar na margem, é ser parte do todo, mas fora do corpo principal. hooks argumenta que, a margem não deve ser vista apenas como um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade. A margem se configura como um “espaço de abertura radical” (HOOKS, 1989,p.149 apud KILOMBA, 2019, p.68) e criatividade, em que novos discursos críticos são gerados. É o local em que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como “raça”, gênero, sexualidade e dominação de classe são questionadas, desafiadas e desconstruídas.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Compreender a margem como um lugar de criatividade, está para hooks (1990) distante de um exercício romântico, é uma posição complexa que incorpora tanto repressão quanto resistência. Falar a partir da margem possibilita subverter os meios, os corpos e as lógicas hegemônicas na criação de novos discursos, nesse sentido, interessam aqui as criações artísticas do norte e nordeste a partir da ideia de que as feminilidades e as mulheridades não são homogêneas, abarcando mulheres transexuais e travestis e suas produções e tensões entre arte e vida. Busca-se o rompimento de narrativas dominantes no campo da arte e tecnologia, pensando performances e subjetividades diversas no meio tecnológico.

O termo mulheridades é utilizado, como pontua a Professora Letícia Carolina Nascimento (2021, p.25) para demarcar os diferentes modos pelos quais pode-se produzir experiências sociais, pessoais e coletivas, aponta para os processos de produção social dessa categoria. É também uma alternativa ao termo “mulher” que pode ser compreendido como algo que se é de modo essencial. Já o termo “feminilidades” argumenta a autora, “é uma categoria usada de forma a entender os modos pelos quais sujeitas dentro do feminismo dialogam com o que o imaginário social determina como “feminino”, e que, a partir desse roteiro cultural, produz cocriações e subversões.” (NASCIMENTO,2021 p. 25)

A presente investigação busca compreender como tais artistas têm operado a convergência entre performance, corpo e tecnologia para problematizar suas subjetividades, nesse sentido, as produções de Silvânia Cerqueira (BA), Trojany (CE), Gabi Coêlho (AI), Mônica Flávia (SE) e Aires (PA/CE), exploram o que pode ser compreendido como corporeidades dissidentes, em que as ações realizadas pelo corpo, sobre o corpo e por meio do corpo se distanciam de construções hegemônicas quanto à raça, gênero, classe, sexualidade, localização geográfica, entre outros eixos de subordinação.

Em seus processos criativos, Silvânia Cerqueira busca ciber aquilombar, criar a partir das tecnologias contemporâneas, cercada por seus pares para pensar as curas, os caminhos para conceber alquimias de existências, tencionando as questões quanto à raça, classe e gênero que permeiam seu corpo, compreendido pela artista como habitado pelas relações da diáspora contemporânea, em experiências cênicas realizadas ao vivo e mediadas pelas telas e equipamentos fotográficos.

Os corpos/corpos mediados são também observados nas criações fotográficas de Mônica Flávia e Gabi Coelho. Mônica Flávia explora a relação entre o emocional e conceitual na produção de imagens em que as mulheridades e feminilidades questionam a padronização hegemônica da beleza e sensualidade e reivindicam a liberdade e poder do corpo gordo. Já Gabi Coelho desenvolve projetos com autorretrato e exploração sensorial. Em sua pesquisa com texturas, investiga os tipos de reação no espectador, principalmente as que estejam relacionadas com inquietações e desconforto diante das possibilidades poéticas do corpo usado como tela para sensações.

O processo criativo de Trojany parte das intersecções entre o vídeo, o cinema e a performance e chega ao gif, a web art e a imagem ambientada/especializada como proposições de narrativas. Sobrepe suas vivências enquanto pessoa preta e bicha, como pontua a artista, no interior do Ceará e os estereótipos da seca e da vida no sertão, aos artefatos digitais e tecnológicos que mediam a produção de memória e subjetividade nas corporeidades pretas e dissidentes.

A dissidências das corporeidades também se apresentam nas investigações de Aires, que costura suas vivências em experimentos em Intervenção Urbana e Performance que se desdobram também em fotoperformances e videoperformances na busca pela invenção de memórias em processos de resignificação, cura e fabulação do corpo travesti como possibilidade

de subverter lógicas.

A investigação e construção do presente catálogo se dá como resultado da investigação desenvolvida no projeto de pesquisa intitulado Corpo Metalinguístico: Performance e Subjetividade no Meio Tecnológico, na Iniciação Científica PIBIC, coordenado pela Profa. Dra. Yasmin Nogueira em colaboração com a Profa. Dra. Germana Araújo, com a participação das estudantes Maryana Santos Silva do Bacharelado em Design-UFS como bolsista CNPq e Renata Massênio de Souza da Licenciatura em Artes Visuais-UFS como bolsista COPES, por meio do Edital nº 03/2021/COPES/POSGRAP/UFS no Grupo de Pesquisa Design e Cultura, Linha de Pesquisa Poéticas e Processos Artísticos Contemporâneos, do Departamento de Artes Visuais e Design - DAVD do Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH da Universidade Federal de Sergipe-UFS.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. **Arte e mídia:** perspectivas da estética digital. São Paulo: Senac, 2005.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política.** Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HOOKS, bell. Talking Back: **Thinking Feminist, Talking Black.** Boston: South End Press, 1989

HOOKS, bell. Yearning. **Race,** Gender and Cultural Politics. Boston: South End Press, 1990

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** Episódios de Racismo Cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo** São Paulo: Jandaíra, 2021

Aires

Chagas

7



Gabi

Coelho

15



Mônica
Cardoso
22



Silvânia
Cerqueira
30



Trojany
37



Aires

Aires Furtado Chagas

NOME SOCIAL

05/05/1989 - Ananindeua PA

DATA E LOCAL DE NASCIMENTO

Fortaleza/CE

ONDE VIVE E TRABALHA

Graduação em Teatro

Licenciatura- UFC

FORMAÇÃO (EDUCAÇÃO FORMAL OU NÃO FORMAL)

apenasaires@gmail.com/(85)997496328

CONTATOS: E-MAIL E TELEFONE

www.desobedienciadegenero.com.br

SITE

Desobediência de Gênero

E-Book e Site Dispositivo / 2021

Sutura sobre fotos de criança viada.

Ação|fotografia / Político 27x21 / 2021

O que pode uma corpa?

Performance 4h / 2019

PRINCIPAIS TRABALHOS/ TÍTULOS

**Performance , Teatro, Fotografia
e Audiovisual**

TÉCNICAS/LINGUAGENS



MINI BIOGRAFIA

Travesti, Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Atualmente integra a equipe de arte educadoras do Museu da Imagem e do Som do Ceará. Tem experiência na área de Artes com ênfase em: arte contemporânea, performance e intervenção urbana. Possui trabalhos publicados em capítulos de livros com temáticas relacionadas a arte contemporânea e arte urbana como “P.O.C – Procedimentos Para Ocupar a Cidade” e “Imaginação e Memória na Arte Contemporânea”. É autora do livro dispositivo Desobediência de Gênero. Participou de congressos nacionais e internacionais de pesquisa como: V e VIII Jornada Latino Americana de Estudos Teatrais (FURB-SC), III Congresso Internacional y V Congresso Nacional de Teatro (UNA - ARG).

Tem experiência na área de Performance e Intervenção Urbana atuando principalmente como professora, produtora e performer, participando com seus trabalhos de festivais como: Bienal Internacional de Dança do Ceará; Festival Imaginários Urbanos; “Procesos Afectivos en Acción”. Como professora, já desenvolveu oficinas na área de intervenção urbana e performance, participando com esses trabalhos de investigação em festivais nacionais. Desenvolveu projetos junto a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza - SME (2011-2013) na área de Artes/Teatro atuando em escolas municipais, assim como integrou o quadro de monitores do projeto Mais Educação (2012, 2018).

Integrou também o quadro de facilitadores do projeto Cidadania Ativa (2016, 2019), Era Uma Vez (2019) e Caminhando Juntos (2019) do Trabalho Social com Grupos do SESC-CE.

É uma das criadoras da “Carnaubal - ambiente de expansão política na cultura”, uma escola autônoma nascida

dentre fóruns de diversas linguagens artísticas do Ceará, uma ideia coletiva para ampliar vivências e conhecimentos, daquilo que podemos chamar política cultural ou política na cultura. Integrou o curso DeCuradoria formação que discutiu a decolonização de projetos curatoriais no circuito das artes contemporâneas, o curso foi ministrado por artistas curadores como: Naine Terena, Dodi Leal, Daniel Lima, Amanda Carneiro, Denilson Baniwa, Paulo Nazareth e Clarissa Diniz. Integrou a residência O álbum é a obra feito em parceria com o IFOTO e MAC - Museu de Arte Contemporânea do Ceará em conjunto com os organizadores/facilitadores da Residência, Felipe Camilo e Marília Oliveira. Atualmente integra o Queer Lab um espaço de troca de conhecimento e capacitação nas áreas de produção/gestão, curadoria/internacionalização e comunicação estratégica para artistas LGBTQIP+.



Sutura sobre fotos de criança viada.
Ação|fotografia. Políptico 27x21. 2021.

1. Quais linguagens artísticas perpassam sua produção?

Iniciei a minha relação com a arte e a prática artística aos 14 anos, a primeira linguagem que tive contato foi o teatro onde tive algumas produções trabalhando como atriz, produtora e iluminadora. Vejo o meu fazer artístico muito como uma artista etc. (Basbaum, 2013) meus processos artísticos sempre estão permeados por diversas funções. Durante a graduação (2009 - 2019) começo a investigar a performance e a intervenção urbana, participando de coletivo de intervenção urbana em Fortaleza (Margens Urbanas) realizando ações no espaço público. Atualmente investigo a partir da performance vendo ela como metodologia ou/e linguagem para compor meus trabalhos experimentando também em fotografia, fotoperformance e vídeoperformance.

2. Quais as principais questões presentes no seu fazer artístico?

Fiquei me perguntando quais pontos seriam importante destacar para tentar articular essa pesquisa iniciada em 2019 e que venho desenvolvendo desde então, e a principal palavra que veio a minha cabeça foi “memória.” Esses dias estava lendo um texto do Lucas de Lacerda pesquisador/professor/curador cearense que diz “Como imaginar aquilo que eu não tenho memória?” E talvez seja esse o ponto de partida da minha pesquisa atualmente: como fabular a invenção de memórias em processos de resignificação e cura?

Em 2019, quando estava no final do processo da minha graduação em Licenciatura em Teatro (UFC), me deparei com inúmeras questões na minha pesquisa que muitas vezes surgiam a partir de memórias da minha infância. Na presente escrita-corpo-memória, a partir de um relato autobiográfico (BERNSTEIN, 2001) em arte-vida e performance-memória, apresento reflexões de performances realizadas para/

durante a escritura deste trabalho de conclusão de curso e de criação poética. A partir de programas performativos (FABIÃO, 2009), lanço-me nessa escrita-performance buscando desprogramar relações de violência de gênero/sexualidade (BUTTLER, 2013) na minha trajetória de vida. Nesse sentido, experimento nessa criação-texto-corpo reconfigurar limites entre arte-vida e estruturas normativas do meu corpo-discurso.

Naquele processo de escrita no final da graduação, eu me deparava também com lembranças muito vezes violentas da minha infância. Violências essas simbólicas, físicas e de opressão. Nesse processo, começo a pesquisar fotos de infância na tentativa de relembrar algumas histórias.

Procurar nessas fotos lampejos dessa performatividade viada/feminina que era violentada, numa tentativa também de criar outras possibilidades de narrativas para aquelas imagens. Durante o processo experimento a manipulação de imagens, intervenção em fotografias impressas, performances e maneiras de resignificação e cura desses processos violentos, seja mapeando lugares de violências na minha infância, como em “Gazela”, ou costurando a mão fotos de infância, como em “sutura sobre fotos de criança viada”. Nesse processo de pesquisa, lembro que algumas fotos foram rasgadas pela minha mãe, pois elas capturaram aquilo que não podia ser capturada ou lembrado. Venho tentando reescrever essa memória desde então, e venho encontrando pistas e momentos de cura a partir das ações que desenvolvo.

Esse processo se inicia também como um processo de investigação de gênero, me entendo nesse processo de pesquisa como uma pessoa não binária inicialmente e hoje como uma travesti, atualmente venho pensando em como fabricar/fabular/inventar o corpo travesti.

3. Quais são suas referências criativas (artísticas ou teóricas)?

Minhas referencialidades são bem diversas mas venho sido afetada pela produção dissidente brasileira, me interessa a produção de outras possibilidades fabulatórias de pensar corpo, gênero e sexualidade, destaco nomes como: Jota Mombaça, Isadora Ravena, Sy Gomes, Nídia Aranha, Levi Banida, Pedra Silva, Rafael Bequeer, Paul Preciado, Bruna Kury, Linn da Quebrada, Amara Moira, Letícia Carolina Nascimento, Dodi Leal, Uira Sodoma entre outras.

4. Como você compreende o uso do corpo em sua produção?

Getúlio Abelha tem uma música que diz “Eu estou bem armada pra lutar, Minha arma é o meu corpo e eu vou me atirar” e nesse sentido vejo meu corpo como um disparador poético e político. Entendo meu corpo como um lugar de tensão e excitação e investigo o poder narrativo e fricional do meu corpo na performance, ela me apresenta a possibilidade de subverter os usos do meu corpo e a maneira como eu me relaciono com o mundo. Entendo o programa de performance como uma possibilidade de subverter lógicas, o “programa é motor de experimentação psicofísica e política” (FABIÃO 2013) nessa experimentação meu corpo gera zonas de desconfortos pensando nisso não só pra mim que ativo esses programas mas para quem espera.

5. Quais são as estratégias adotadas na sua produção?

Tenho atualmente pensando em como tentar redesenhar escrituras de poder na construção das equipes que escolho para colaborar em conjunto operando em projetos trans-centrados e interseccionais, que agregam diferentes setores da “margem identitária” (pessoas trans - binárias e não-binárias, pessoas LGBTQ+, pessoas negras, pessoas com deficiência, travestis) Busco também atrelar meus processos a processos educativos procurando sempre construir outras formas de acompanhar o desenvolvimento dos processos

seja em livros, vídeos, podcasts ou outras produções poéticas de cunho educativo.

6. Encontra alguma dificuldade de ordem técnica, logística e/ou financeira para a realização de seus trabalhos?

Sempre produzi na precariedade, e nela também vejo potência mas como uma trabalhadora da cultura também sinto cansaço de estar sempre à margem produzindo. Trabalho desde muito nova com arte e ao longo desses anos tive diversas experiências, algumas com acesso a políticas públicas e outras feitas na farsa da força.

Acho importante pontuar que eu como uma pessoa branca e tendo me entendido como uma pessoa trans aos 30 anos tive acesso a privilégios durante esses processos de criação poética. Apesar de não ter tido privilégios de classe, hoje percebo que tive acessos que foram garantidos pelo Sistema e branquitude. Hoje como uma travesti me percebo produzindo com uma expectativa de vida datada, produzo com a morte (morte de corpos trans e travestis, mas também como agente da morte de um Sistema) forjando possibilidades de vida, existência e reinvenção de uma história social que não me quer viva.

Como uma dessas estratégias de se manter viva venho aqui em Fortaleza participando na linha de frente na construção de políticas públicas voltadas para a área da performance arte, atualmente integro o Fórum de Performance do Estado do Ceará onde em conjunto com outras agentes da cultura conquistamos a criação do primeiro edital estadual voltado para a linguagem, iniciativa única no país, forjada com muita luta e tentando nesse espaço desenvolver um trabalho que não capture a linguagem mas que possa servir como um lugar de experimentação e pesquisa dela.

Sutura sobre fotos de criança viada.
Ação|fotografia. Políptico 27x21. 2021.

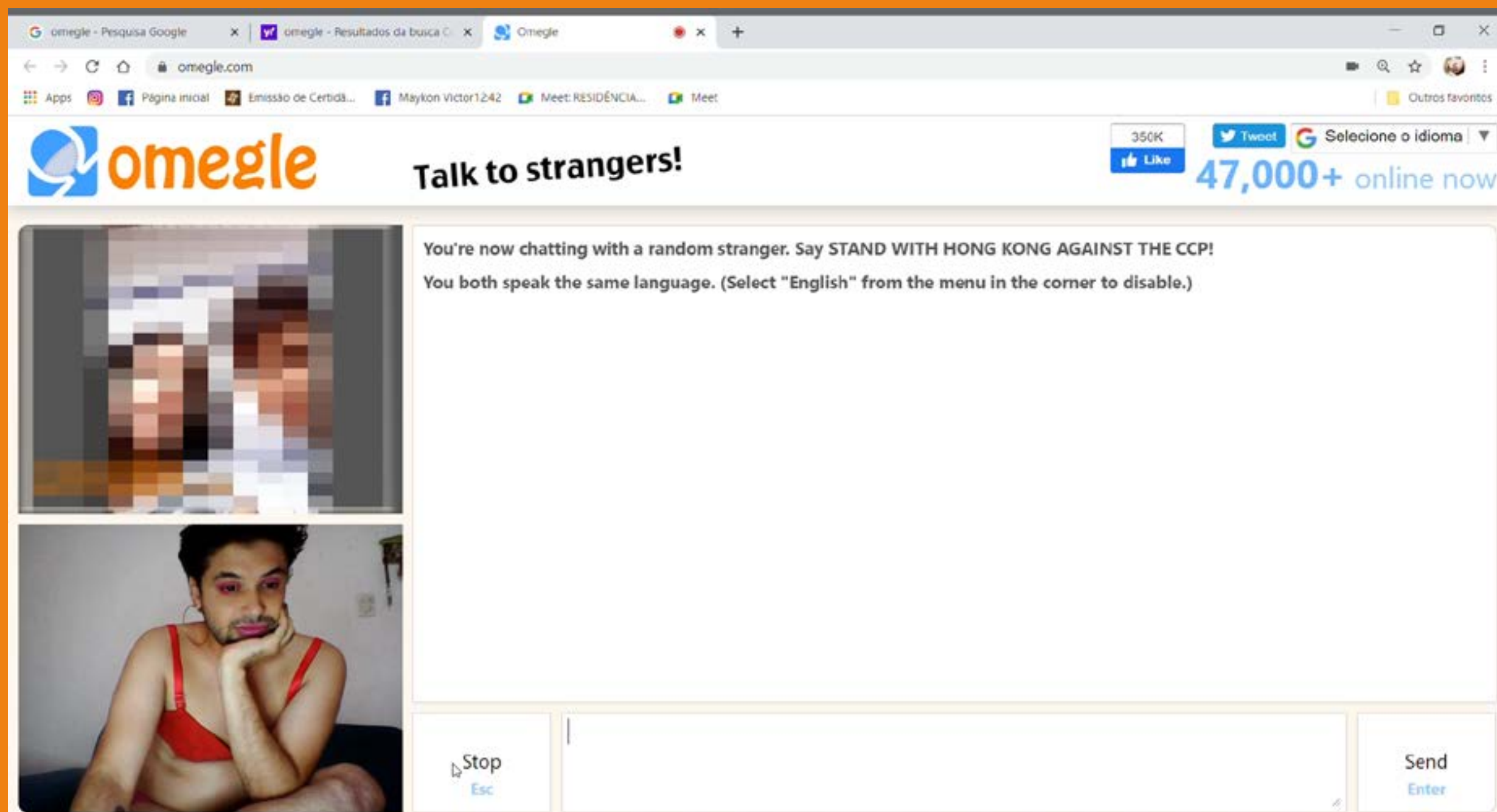




Segunda Pele. Performance 3h. 2014.



Menino bom vai pro céu.
Série desobediência de gênero.
Videoperformance 05'13". 2021.



Transicionar é Rasgar a Pele e a Pele do Mundo.
Série desobediência de gênero.
 Videoperformance 22'29" . 2021.

Gabi Coêlho

Ana Gabrielle Coêlho de Cerqueira

NOME COMPLETO

20/01/1987

DATA DE NASCIMENTO

Maceió/Alagoas

ONDE VIVE E TRABALHA

Formal: Pós Graduação em Fisioterapia na Saúde da Mulher. Não formal: Autorretrato Conceitual e Narrativa Conceitual (Ateliê Jackeline Hoofendy/RJ); Narrativas Poéticas (Núcleo Academy/Espanha); Grupo de Estudos Alfabetismo Visual (Roberta Tavares/EUA).

FORMAÇÃO (EDUCAÇÃO FORMAL OU NÃO FORMAL)

gabi_experimental@hotmail.com

(82) 99659-2161

CONTATOS

https://www.instagram.com/gabi_experimental

Site

Lírios, Rosas e outras flores

PRINCIPAIS TRABALHOS/ TÍTULOS

Fotografia digital e pintura

TÉCNICAS/LINGUAGENS

2020 - 2021

DATA/ANO

Trabalho ganhador do Prêmio Vera Arruda/Governo de Alagoas/Secretaria de Estado da Cultura/Lei Aldir Blanc/Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo/Governo Federal.



MINI BIOGRAFIA

Gabi Coêlho [Maceió, 1987] é fotógrafa e artista visual. Com formação em Autorretrato Conceitual Narrativas Visuais e Poéticas Visuais. Desenvolve projetos com autorretrato e exploração sensorial. Em sua pesquisa com texturas, investiga os tipos de reação no espectador, principalmente as que estejam relacionadas com inquietações e desconforto diante das possibilidades poéticas do corpo usado como tela para sensações. Já realizou diversas exposições coletivas, tendo seu trabalho exposto no Brasil, Inglaterra, Argentina e Romênia. Premiada pela Lei Aldir Blanc/Secult-AL. Selecionada para publicação da obra de fotógrafas alagoanas pela curadora Márcia Mello.



1. Quais linguagens artísticas perpassam sua produção?

Fotografia, pintura, poesia, performance e música são as principais.

2. Quais as principais questões presentes no seu fazer artístico?

A provocação, o incômodo. Tirar [momentaneamente] quem me vê, da inércia. Quebrar o ciclo do prazer estético.

3. Quais são suas referências criativas (artísticas ou teóricas)?

Pintura: Fabio La Fauci, Francis Bacon, Henrik Uldalen
Fotografia: Diane Arbus, Antoine D'Agata
Performance: Lenora de Barros
Poesia: Fernando Pessoa, Hilda Hilst, Jorge Luis Borges.

4. Como você compreende o uso do corpo em sua produção?

Utilizo o corpo como uma tela em branco. Não é importante para mim o corpo ser meu ou do outro ou a qual gênero ele pertence. Raramente meu trabalho tem intenção de destacar questões de gênero; falo sobre o corpo como matéria e meio.

5. Quais são as estratégias adotadas na sua produção?

Não estou segura de que sei responder a esta pergunta. Perdoem.

6. Encontra alguma dificuldade de ordem técnica, logística e/ou financeira para a realização de seus trabalhos?

Sem dúvida, morando no Nordeste não é difícil encontrar limitações de toda ordem. Mas as principais são de logística e financeira. Há pouco investimento e os instrumentos de arte são limitados. Os espaços de divulgação artística são precários e a interlocução com os Estados que mais produzem e consomem arte normalmente têm que ser feitos a duras penas pelos próprios artistas, que comumente não dispõe de muitos recursos.



Ecdise.
Fotografia digital.
60x40cm. 2018.



Hermética.
Fotografía digital.

90x60cm. 2020



Soneto de separação.
Fotografia digital.
30x30cm. 2020.



Diálogos.
Fotografía digital.
2022.



Mônica Flávia

Mônica Flávia Cardoso Carvalho

NOME COMPLETO

16/06/1974

DATA E LOCAL DE NASCIMENTO

Aracaju / Sergipe

ONDE VIVE E TRABALHA

Fotógrafa

FORMAÇÃO (EDUCAÇÃO FORMAL OU NÃO FORMAL)

monicaflaviaster4@gmail.com

(79) 99923-5890

CONTATOS

[https:// exposicaogordalivreepoderosa.46graus.com](https://exposicaogordalivreepoderosa.46graus.com)

SITE

Olho

PRINCIPAIS TRABALHOS/ TÍTULOS

Fotografia

TÉCNICAS/LINGUAGENS

2008

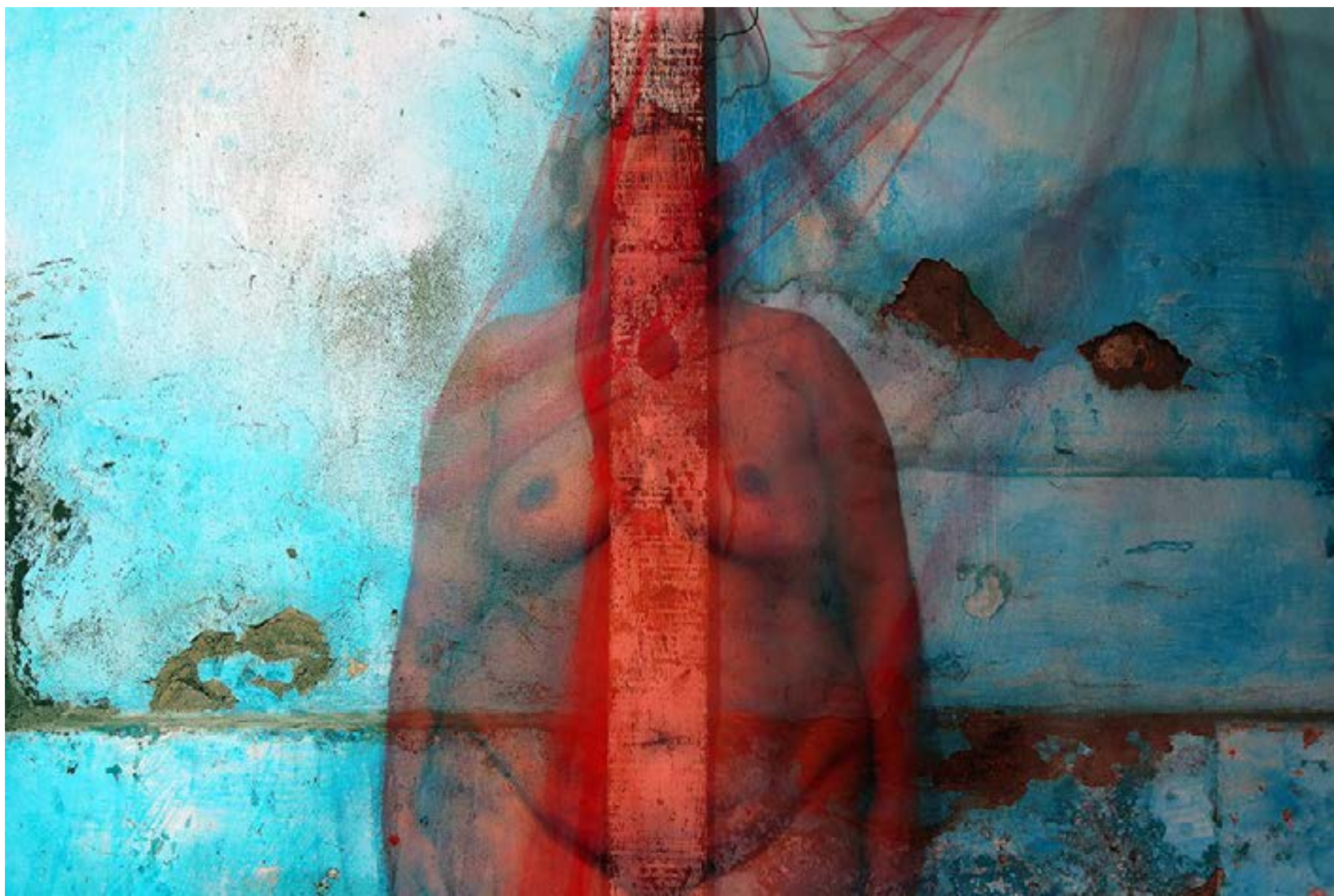
DATA/ANO

50 x 70cm

DIMENSÕES (SE HOUVER)

MINI BIOGRAFIA

Nasci em Aracaju, morei na Bahia ainda pequena até a adolescência. Desde pequena tinha uma veia artística, sempre autêntica, não deixei-me levar aos padrões da família e da sociedade. Fui muito incentivada a cursar alguma área jurídica, onde sempre me esquivei. Sempre tive em mente e segui isso a risca que preferia minha satisfação pessoal e emocional do que apenas um retorno financeiro, claro que o financeiro é importante, mas não há dinheiro que pague minha realização profissional. Ainda estou no processo, sempre querendo aprender e me aprofundar em questões emocionais que possa transmitir nas fotografias. Em meu trabalho atual gosto disso. Trabalhar o conceitual e também as emoções, acho que é algo enriquecedor para o meu autoconhecimento, e também instigante para o expectador.



1. Quais linguagens artísticas perpassam sua produção?

Embora muitas vezes desenvolvo trabalhos (imagens) experimentais tendo como suporte recortes de papéis / revistas, folhas, terra , água e entre outros, a linguagem artística predominante que trabalho é a fotografia, onde esta caminha geralmente para a arte contemporânea e conceitual.

2. Quais as principais questões presentes no seu fazer artístico?

Hoje posso falar que fotografo é voltado para o meu “eu”, para o autoconhecimento. Dessa forma todo sentimento presente no meu momento é refletido para uma imagem. Isso gera muitas vezes estranhamento para o observador, mas até esse estranhamento faz parte do meu processo. kkkkk

3. Quais são suas referências criativas (artísticas ou teóricas)?

As crianças e os loucos , por não ter paradigmas e conceitos pré-estabelecidos. Por outro lado, sou fã / admiradora dos trabalhos de Nan Goldin, Jan Saudek e Miguel Rio Branco.

4. Como você compreende o uso do corpo em sua produção?

O corpo é 70 % peça chave no processo de criação.

5. Quais são as estratégias adotadas na sua produção?

A minha estratégia principal é o isolamento.

6. Encontra alguma dificuldade de ordem técnica, logística e/ou financeira para a realização de seus trabalhos?

Sim... A dificuldade financeira para a realização de 3 (três) projetos existe, porém a logística é a que predomina.

7. Por favor, indique links nos quais constam seus trabalhos artísticos e/ou textos, entrevistas, vídeos que se refiram à sua produção.

Mulheres Luz - Apresentação de Projetos - Ângela Berlin-
de apresenta Mônica Flávia e

Letícia Valverde -

<https://youtu.be/P7RseyaLUhc>

@monicafccarvalho (instagram)

site: <https://monicaflavia.46graus.com/>

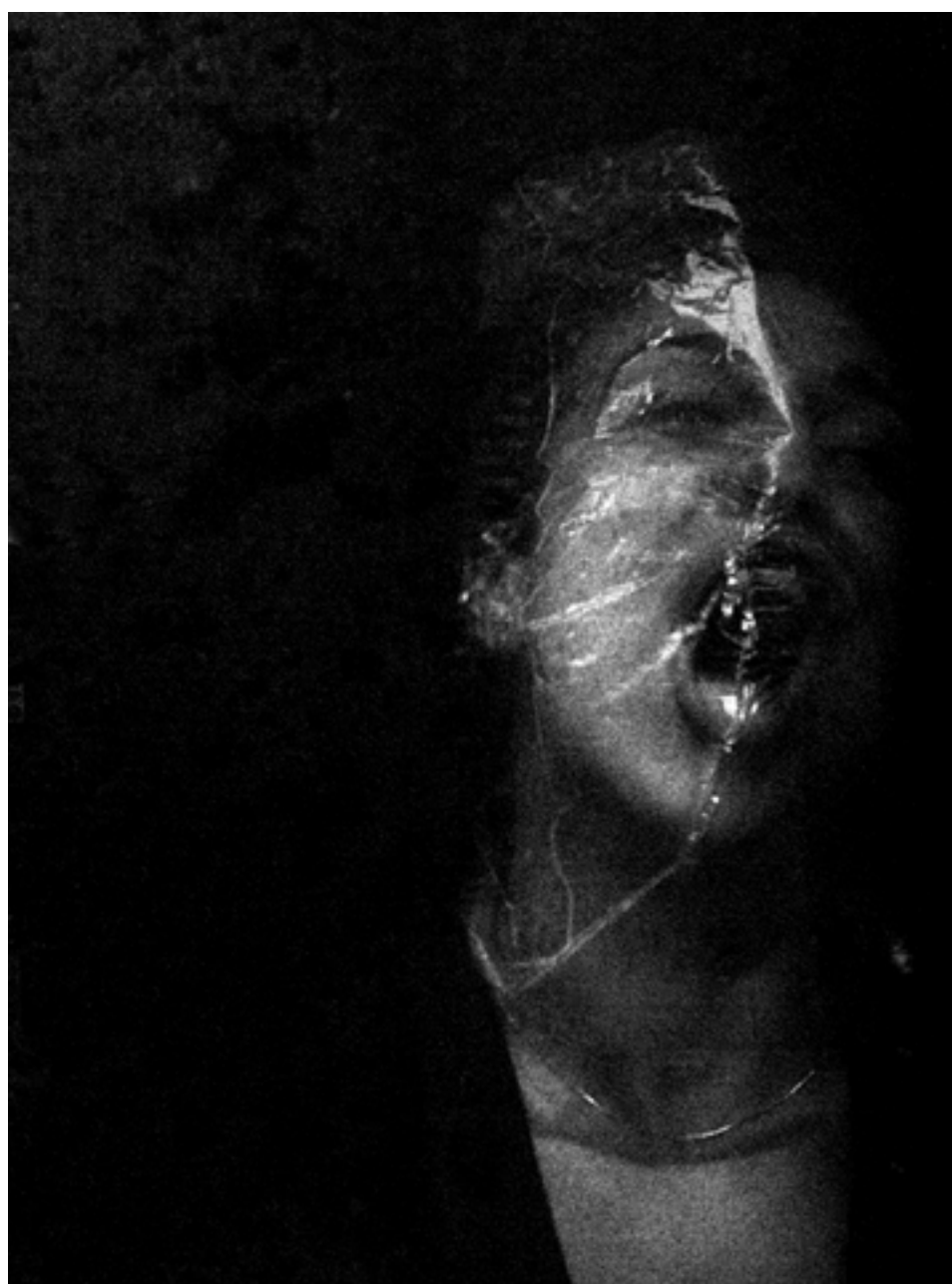
<https://exposicaogordalivreepoderosa.46graus.com/gorda-livre-e-poderosa/>

E-mail : monicaflaviaster4@gmail.com

Passagem.
Fotografia digital.







Ensaio para loucura.

Fotografia digital.



Universo Paralelo.



Catarse.

Fotografia digital.

Silvânia Cerqueira

Silvânia Cerqueira da Costa

NOME COMPLETO

Valente - Bahia

DATA E LOCAL DE NASCIMENTO

Salvador

ONDE VIVE E TRABALHA

Educação formal, Comunicóloga e professora de teatro.

FORMAÇÃO (EDUCAÇÃO FORMAL OU NÃO FORMAL)

sil-17@hotmail.com (71-981054546)

CONTATOS

Mata-Borrão e Elekô de Malungas

PRINCIPAIS TRABALHOS/ TÍTULOS

Live performance realizada via stremyard, foi a primeira tentativa de realizar uma performance em tempo real via web./ Processo de criação de vídeos performances com mulheres usando o zoom enquanto ferramenta de criação.

TÉCNICAS/LINGUAGENS

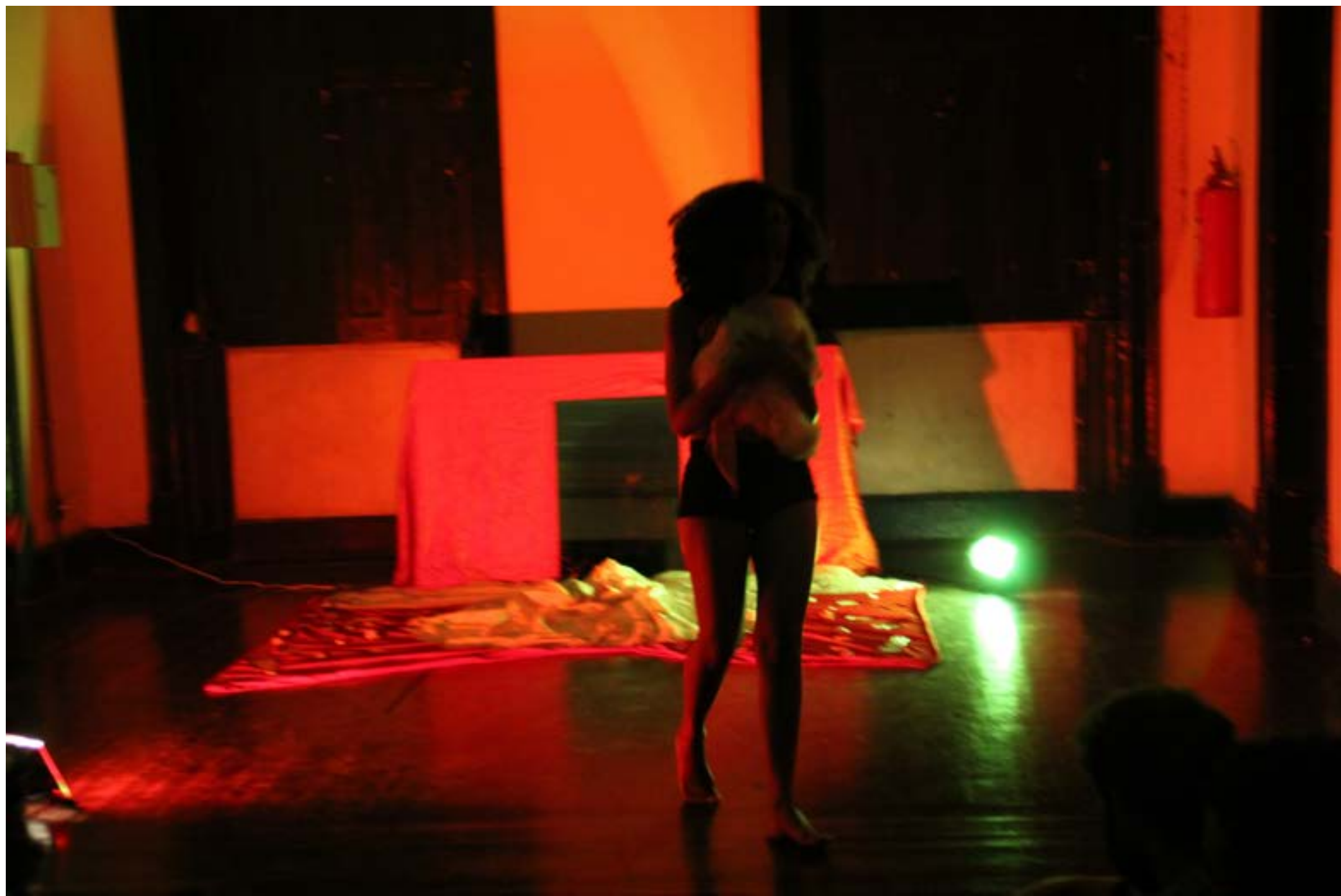
2020- Mata borrão 2020/ Elekô de Malungas 2021, Unguento 2020

DATA/ANO



MINI BIOGRAFIA

Silvânia Cerqueira, educadora por convicção política, performer antirracista e comunicóloga. Graduada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-2009- 2013), atua em pesquisas na área de Cibercultura e cultura da convergência. Atualmente mestranda no Programa de Pós Graduação da Escola de Belas Artes, integrando o grupo Elétrico - Grupo de Pesquisa em Ciberdança. Busca integrar em seus processos a partilha de saberes e o compartilhamento de experiências.



1. Quais linguagens artísticas perpassam sua produção?	
Literatura, teatro e música	
2. Quais as principais questões presentes no seu fazer artístico?	
Sou um corpo andarilho, tento não falar apenas sobre mim. Me acho tão pequena e, embora o mundo, esse gigante que tenta me devorar, não me deixo engolir, mesmo sendo uma presa aparentemente fácil; mulher, interiorana, negra e pobre, marcada pelo machismo e as estruturas patriarcais dos lugares que transitei, habitada pelas memórias de avós, irmãs, tias e vizinhas. Sou uma “povoada”, confusa e contaminada pelo trauma. Nas minhas primeiras criações eu escrevia as dores e expurgava em vômitos as insatisfações do ser um corpo mulher, hoje eu tenho tentando não falar de dores, embora essas ainda existam. Busco pensar as curas, os caminhos para conceber nossas alquimias de existências, sendo assim, atualmente as relações de classe, raça e gênero ainda são temas pelos quais transitamos, as relações de gênero e classe, creio que é inevitável, pois meu corpo é habitado pelas relações da diáspora contemporânea. Filha de uma empregada doméstica e semi-analfabeta e pai não alfabetizado, as questões da subalternidade dos corpos junto a precariedade de equipamentos tecno-eletrônicos são as vias pelas quais escrevo atualmente minhas obras junto com outras mulheres, por incrível que pareça não sei estar sozinha, escrevo em coletivo.	
3. Quais são suas referências criativas (artísticas ou teóricas)?	
Como eu disse, não escrevo sozinha, tenho musas que alimentam meu chão poético e teórico, confesso que sinto um pouco de dificuldades em separar, acredito que todo artista é um teórico, escrevemos teoria de maneira poética, subvertendo modos de falar sobre determinados temas. Nessas andanças criativas tenho me ancorado em Leda Maria Martins, Conceição Evaristo, Musa Michelle, Amelia Sampaio, Cristiane Sobral e a Rubiane Maia, são essas as vozes que ecoam juntas nas produções.	
4. Como você compreende o uso do corpo em sua produção?	
O corpo é a escrita das preposições, não o vejo enquanto suporte, ele é a via de tradução, por meio dele traduzimos nossas experiências, escrevemos nossas narrativas. Na minha pesquisa de mestrado tô quebrando a cabeça para entender as configurações sociais do corpo ciborgue conceito de Donna Haraway, penso os corpos femininos escritos em códigos binários contra atacando as narrativas que fizeram sobre eles, uma utopia, um	
desejo de ciber aquilombar ciborgues na web, enfim, mesmo sabendo da importância de buscar conceitos para as diferentes corpas e corpos eu entendo-o enquanto a aquarela que pinta as telas de maneira aquosa vazando as bordas, digo isso porque enxergo em minhas propostas atuais corpas que matam borrões propondo vazamentos de existências.	
5. Quais são as estratégias adotadas na sua produção?	
Minha principal estratégia é não está sozinha, não vejo a arte como uma produção solitária, a troca dos processos criativos são caminhos que convergem no fazer arte no contemporâneo, embora a produção artística no Brasil não seja uma das melhores, mesmo com uma baixa disponibilidade de recursos tecnológicos buscamos ocupar, alguns dizem que é produção em Low tech, eu digo que submersão em baixa resolução.	
6. Encontra alguma dificuldade de ordem técnica, logística e/ou financeira para a realizaçãode seus trabalhos?	
As dificuldades são muitas, mas assumimos uma posição de não “ sumbir”, trago a Elza Soares enquanto referência, pois pensar uma produção feminina dentro do campo das artes e tecnologia, não é fácil, falta equipamento e mulheres technes, o cenário ainda é muito restrito, a distribuição de recursos não se dá de maneira equilibrada, nos editais os critérios seguem a lógica da alta resolução de imagens e corpas, uso alta resolução para inscrever a desigualdade também de classe. Lidamos com a precariedade mas não romantizamos, a precariedade é nosso contra ataque para afirmarmos que estamos cá produzindo.	
7.Por favor, indique links nos quais constam seus trabalhos artísticos e/ou textos, entrevistas, vídeos que se refiram à sua produção.	
https://www.youtube.com/channel/UCrfYZBee7WwA3aIV6n_gtPQ https://www.instagram.com/coletivoventrelivre/ http://mostradevires.com/artistas/ https://www.elekodemalungas.com/ https://www.terra.com.br/parceiros/alma-preta/coletivo-realiza-oficina-sobre-narrativas-cybercriativas-de-mulheres-afro-indigenas,1046f5b-90371ca40e812a462eeaef8e4bs35ujds.html	



Conectando Arruda e Cabaça.
Fotoperformance. 2019.



Bonecas.
Performance.
2018.



Bonecas.
Performance. 2018.



Lugar Ato II - Bonecas: As paredes falam.

Performance. 2017

Trojany

Paula Soares Pinheiro

NOME COMPLETO

Icó, Ceará. 12/11/1993

DATA E LOCAL DE NASCIMENTO

Quixadá, Ceará.

ONDE VIVE E TRABALHA

Ciências sociais - UFC - Incompleto, Curso de realização em audiovisual - Vila das Artes - 2013 - 2015, Laboratório de Artes visuais - Porto Iracema das Artes - 2016 - 2017, Design Digital - UFC - 2019 - 2024.

FORMAÇÃO (EDUCAÇÃO FORMAL OU NÃO FORMAL)

88 9 9456 3308 - trojannye@gmail.com / paulasoaressdd@alu.ufc.br

CONTATOS

<https://trojanny.com/>

SITE

CASA DO CRUCIFIXO - 2014 - vídeo, TRAJANAS - 2015 - vídeo, JACARECANGOS-CÓPIO - 2017 - gif, TUMBA - 2020 - web art, TODAS AS LÁGRIMAS - 2021 - web art / performance, PYXUNA - 2021 - web art.

PRINCIPAIS TRABALHOS/ TÍTULOS



1. Quais linguagens artísticas perpassam sua produção?

Meu trabalho como artista se inicia nas intersecções entre o vídeo, o cinema e a performance. Depois de um tempo comecei a sentir a necessidade de articular um rearranjo narrativo que não só expandisse, mas explodisse o direcionamento narrativo que minha cabeça costumava dar às ideias. Como tive essa formação inicial em antropologia e cinema, sentia que minhas ideias e proposições rondavam apenas esses espectros. Então começar a repensar essa narrativa, buscando outros suportes, amplia e explode os caminhos narrativos que eu vinha traçando até então. Então saio do vídeo bidimensional e chego ao gif, vou até a web art e a imagem ambientada/especializada como proposição de narrativa.

2. Quais as principais questões presentes no seu fazer artístico?

Inicialmente meu trabalho tinha como motivação principal, uma certa tomada de consciência de uma vivência enquanto pessoa preta e bicha no interior do ceará e em consequência a falta de água e o esteriótipos da seca e da vida no sertão, acabavam agregando nesse universo de reflexões. Ainda hoje isso é uma questão, mas acho que hoje essa camada de reflexão ocupa um lugar mais ao fundo do que tenho feito. Agora – e ainda de forma mais embrionária – meu trabalho tem se voltado a pensar as negociações daquilo que chamamos de memória dentro do universo da tecnologia e da computação, ou seja, quais são os artefatos digitais e tecnológicos que mediam a produção de memória e subjetividade nessas corporeidades pretas e dissidentes em abya yala. Então fico pensando, como a afetividade e a memória por exemplo dentro das imagens transita da caixa de sapato para o HD interno? Quais implicações desse processo? Gosto de observar essa mediação entre as corporações que surgem com a internet e nossa subjetividade em um país historicamente precarizado nas tecnologias digitais, mas potente em tecnologias ancestrais. Querendo ou não, essa observação acaba também pincelando o racismo algoritmo, as estruturas de vigilância e roubo de dados. Mas aí são pesquisas mais recentes que estão relacionadas ao meu ingresso no curso de design digital na UFC, e que ainda estou em processo de entendimento e assimilação.

3. Quais são suas referências criativas (artísticas ou teóricas)?

Tenho lido Yuki hui, Tarcízio Silva, Nina D’hora, Byung-Chul Han, André Lemos, Lelia Gonzalez, entre outros. Artísticas tenho pirado muito na Sonda Perry, Jacob Satterwhite, adoro ver os artistas do catálogo de net art da Rizome.

4. Como você compreende o uso do corpo em sua produção?

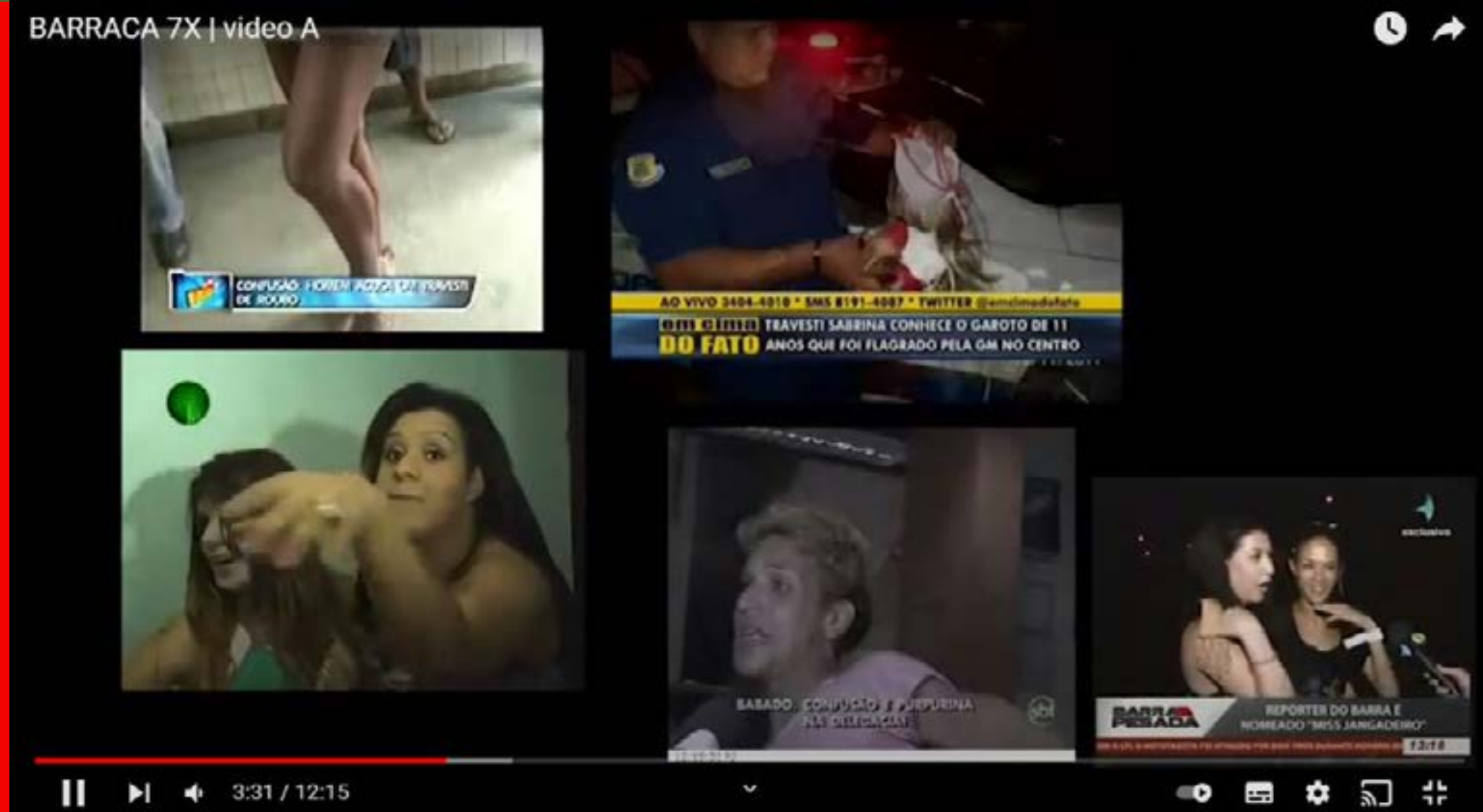
Eu gosto de perceber o corpo como corporeidade. Quando penso em corporeidade penso em uma ação, em algo vivo e quando penso em corpo vejo uma massa imóvel. Então para mim o corpo é uma corporeidade, uma antena que articula sensibilidade tátil, sonora, visual, portanto, todo exercício de abstração dessa realidade dada e superficial e toda possibilidade de ativação e desenvolvimento dessa sensibilidade é em um primeiro momento a movimentação necessária para que eu crie e inclua a corporeidade como suporte e motivação dos trabalhos.

5. Quais são as estratégias adotadas na sua produção?

Como eu tenho atuado no design, que é uma área bem pé no chão no sentido de executar e colocar as coisas em prática, eu gosto de deixar as ideias acontecerem de forma bem espontânea, nada precisa fazer sentido lógico ou ser viável em um primeiro momento, mas essas ideias precisam estar articuladas com outros trabalhos de alguma forma, seja em diálogo ou conflito. Gosto de observar e demarcar essa relação dos trabalhos sem que fique muito óbvia. Então depois dessas ideias que vem de forma mais espontânea, vou anotando e escrevendo, desenhando, entendo a viabilidade, e aos poucos a coisa vai ganhando corporeidade. Se eu ver que realmente faz sentido para mim ali naquele momento, eu refaço o rascunho em um caderno de ideias que é mais fixo e direcionado a execução.

6. Encontra alguma dificuldade de ordem técnica, logística e/ou financeira para a realização de seus trabalhos?

Sempre, e isso é o que me faz ser uma artista que transiciona em várias mídias e suportes. Eu estou sempre buscando um equilíbrio entre não deixar minha ideia de lado e executá-la como for possível, sempre sem romantizar a precariedade. Ao mesmo tempo, eu não busco um ideal de imagem, expressão e suporte.



Barraca 7x. Videomontagem.

Jacarecangoscópio. Gif.





Equê. Gif.

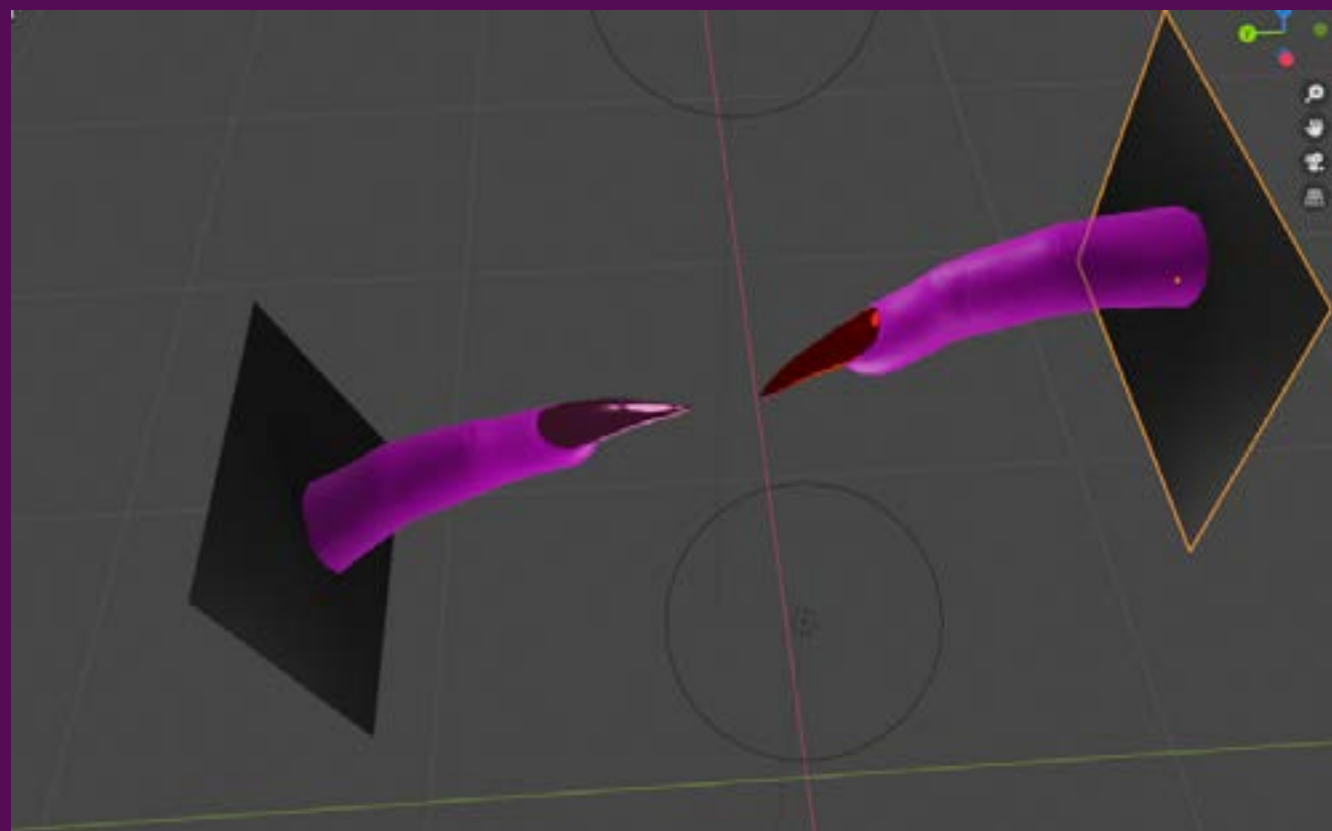


Febre. Performance.





Todas as lágrimas. Realidade virtual



Todas as lágrimas. Realidade virtual



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE

PIBIC



CAPES

Projeto Gráfico e Diagramação

Maryana Santos Silva

Projeto Cartográfico

Renata Massênio de Souza

Orientação do Projeto de Pesquisa

Yasmin Nogueira

Orientação do Projeto do Catálogo

Germana G. de Araujo

Esse catálogo digital foi desenvolvido em
extensão PDF. Todas as imagens
foram disponibilizadas pelas artistas apre-
sentadas e os texto foram compostos pela
família tipográfica Hind (*open license*)
[textos corridos].